

Seminário de Charles Melman: Observações sobre a clínica lacaniana
Aula de 08/12/2020

Eu vou começar, são algumas notas que estou preparando para algo que é realmente muito interessante, que me agrada e que vocês certamente vão apreciar como eu, é um dístico célebre:

Objetos inanimados, vocês têm uma alma
Que se liga a nossa alma e a obriga a amar?

*[Objets inanimés, avez-vous donc une âme
Qui s'attache à notre âme et la force d'aimer ?]*

Nada mal, não é? É de alguém chamado Lamartine¹...

Eu queria começar fazendo vocês observarem de que forma nossa tendência espontânea consiste em antropomorfizar os objetos que nos são familiares, e eu tentava me lembrar desses objetos que tão agradavelmente povoam o ambiente ao nosso redor: a frigideira que ronca, a chaleira que canta, a árvore que se arrepia, a flor que desabrocha... não é? Com uma observação sobre isso que vai ser o objeto do nosso Seminário de inverno, a questão da identidade a respeito desse percurso que nos é familiar, de atribuir uma alma a esses objetos inanimados ao nosso redor. A identidade, para nós, não é somente o objeto de uma introjeção, mas igualmente de uma projeção. Dito de outra forma, e vocês verão aonde eu quero chegar, nós tentamos espontaneamente projetar, no campo do Outro, formas, evidentemente semelhantes a nós mesmos, mas que de algum modo transformam em amigos esses objetos que povoam o campo do Outro, amigos à nossa imagem.

E isso nos faz lembrar nossa tendência a projetar, um tanto facilmente, uma imagem amigável sobre um pequeno outro, para, em seguida – são coisas que acontecem um tanto facilmente –, frequentemente nos decepcionarmos. Se nós temos assim essa faculdade de projetar sobre o objeto que povoa o campo do Outro – e acerca do qual sabemos que se trata primordialmente do objeto *a* – uma imagem de semelhante, a questão que surge imediatamente é saber de que maneira nós lhe atribuímos uma subjetividade. Dito de outra forma, a maneira como temos, para cada um de nós, no outro, este companheiro – que a diferença dos sexos vai evidentemente transformar em companheira.

¹ Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869) poeta francês, autor de obras que representam o Romantismo, entre elas *Primeiras Meditações Poéticas* (1820) e *Novas Meditações Poéticas* (1823). Seu estilo romântico influenciou os poetas brasileiros Castro Alves e Álvares de Azevedo. (N. do T.)

Mas se é verdade que esse objeto é susceptível de ter uma alma, qual a regra que vai se impor: vamos tratar essa representação no Outro como um objeto ou como um sujeito, com a limitação que impõe, então, a presença dessa subjetividade que deveríamos respeitar? É divertido porque, no fundo, essa questão não é rara, de saber se o cumprimento do desejo passa pelo reconhecimento do sujeito com o qual eu tenho que me haver ou, ao contrário, pelo fato de tratá-lo como um objeto. Ocorre-me o fato de que há uma idade em que as crianças têm a faculdade, que surpreende frequentemente seus pais, ofendidos por esse tipo de resposta, de quebrar os belos objetos que eles lhes oferecem, num gesto que seguramente faz refletir.

Eu acreditava que começaria dessa forma minha fala dessa noite, de uma maneira que em seguida se desenvolveria de modo relativamente tranquilo, quando me dei conta, oh! que, se eu procurasse os objetos contemporâneos suscetíveis de lhes atribuirmos uma alma... bem, eu ficaria muito confuso. Talvez vocês tenham um acesso melhor do que eu aos objetos contemporâneos modernos que nos rodeiam, mas devo dizer que me inquieta ver... que eles sejam o computador, o celular, o carro – e eu poderia desenvolver essas categorias –, penso realmente que não temos nenhuma tendência espontânea para atribuir a esses objetos algum tipo de alma. Então, por que eu tive de recorrer às lembranças da infância para encontrar esses objetos animados por uma alma, a frigideira, a chaleira, a árvore que se arrepia, a flor que se abre, e por que tenho dificuldade de encontrar um objeto contemporâneo, modernizado?

É que – e isso não é sem consequências, tanto no tratamento quanto em nossa relação com o próximo – esses que estou listando, o computador, o *smartphone*, o carro, etc., não são objetos! A partir daí se coloca a questão daqueles que restariam, ao nosso redor, a título de objetos, e com os quais poderíamos reencontrar essa amável cumplicidade, essa familiaridade, essa antropomorfização, no fundo, tão tranquilizadoras. Não são objetos – e aí eu não faço senão retomar isso que eu tentei compartilhar com os brasileiros, prometendo-lhes uma “carta ao próximo”, uma vez que, justamente, é o próximo que nos falta hoje. O próximo? Temos, sem dúvida, semelhantes, mas não necessariamente próximos, quer dizer, aqueles que vêm se inscrever numa certa distribuição que permite, alternadamente no diálogo, na relação, dar aos objetos que aí vêm circular, que são trocados, conferir-lhes uma alma.

Os objetos contemporâneos não são objetos porque são instrumentos. São objetos cuja notável capacidade e o apego que temos por eles os transformam em instrumentos corporais. Dito de outra forma, eles prolongam as capacidades físicas em um gozo... (Vocês vão ver como eu vou adiante, eu avanço! Eu mesmo me assusto!), em um gozo que não é aquele de um objeto qualquer, mas do próprio instrumento. Gozamos do *smartphone*, e então eu penso que nenhum

de nós vai lamentar que as trocas que têm lugar por *smartphone* não sejam registradas para a posteridade, não vai pensar no que esta sofreria pela destruição de um material tão precioso! Nenhum de nós vai pensar em pegar o carro para simplesmente usá-lo, o destino não sendo uma finalidade essencial, mas pelo mero prazer do seu uso...

Isso para dizer o quê? Esse é seguramente o entrave a nossa progressão na análise dos fenômenos psicopatológicos. Temos que considerar hoje essa clínica tradicional, aquela que data de Freud e Lacan. E aliás, de minha parte, foi isso que eu tive a audácia de esclarecer, mostrando que os conceitos por eles extraídos permitiam, enfim, decifrar quase exatamente os fenômenos que a nossa modernidade nos traz, e de ilustrar esse fato que tem consequências diretas para todos nós. É que se esse gozo é marcado hoje por ser essencialmente instrumental e não mais objetual, ou seja, que seja aquele do instrumento que vem exaltar, nutrir o narcisismo que nos é sempre caro, pois bem, reencontramos assim o contorno disso que é o gozo masculino tradicional.

E é aí que eu vou entrar em uma zona de escândalo que seria melhor evitar, aquela da feminilidade. Gozo masculino tradicional tal como ele é concebido, tal como ele é construído, que é um gozo do órgão, gozo do instrumento, enquanto o gozo feminino – eu vou tentar afirmá-lo e expô-lo a suas observações e, eventualmente, a suas críticas – é essencialmente um gozo do corpo. Gozo do órgão, do instrumento, ou gozo do corpo, isso nos conduz nos dois casos (quer dizer, na época em que ainda havia dois sexos...) à questão que ocupa todas as páginas, eu diria, dos textos psicanalíticos: o conceito de castração – que eu já tentei abordar, mas que continua marcado por facilidades mentais absolutamente temíveis, este termo castração –, até aqui considerado como a condição de uma possibilidade da sexualidade.

O que nós entendemos pelo termo castração, já que estamos decepcionados e, por que não dizer, escandalizados pelo que Freud pôde elaborar a respeito desse assunto e que se encontra legitimamente desabonado pelas correntes feministas atuais? Para Freud, esse termo, esse conceito, entretanto fundamental, significa essencialmente que há uma metade dos seres falantes que se encontra privada do órgão, e que a outra metade, aqueles que são felizmente dele dotados, se encontram na angústia diante da visão da irmãzinha, ou da mamãe, ou da vizinha, amedrontados de que uma tal sorte venha atingi-los. Então, a esse respeito, é preciso voltar ao ensino de nosso bom mestre...

Poderíamos dizer, aliás, nosso mestre – não vou me arriscar nos qualificativos, ele não era certamente sempre bom, quero dizer, sobretudo não um bom samaritano, uma vez que, como vocês sabem, ele não fazia caridade, mas ele pensava que a sua tarefa era, de preferência,

descaritar, o que, devo dizer, é efetivamente de uma grande atualidade. Dito isso, o que é essa maldita castração? Senão isso, e graças a vocês, vez que, para lhes expor, sou levado a esclarecê-lo para mim, de que a possibilidade do exercício da sexualidade está ligada ao fato de que sou habitado – permitam-me esse termo – por essa força que se encontra situada no Outro, no campo do Real. O que vem ilustrar ou atestar o fato de que o objeto me falta, de que sou, assim, amputado do objeto, e de que o exercício possível da sexualidade passa, uma vez que eu diria de minha infinita infantilidade, pelo fato de que ela tem necessidade de ser armada por essa força.

Vejam, eu não estou falando de papai, de força sobrenatural [*mana*], dos deuses ou do que vocês quiserem, eu falo simplesmente dessa força que anima o Real e que faz, portanto, que o exercício da sexualidade passe por aí. Isso implica, necessariamente, que eu seja um possuído, e, às vezes, é assim que podemos constatar a irrupção do desejo, o sentimento de ser regido, constrangido, forçado, de ser possuído por essa força. Mas com a condição que eu vou dizer: a lei paterna, que implica que o instrumento seja colocado a serviço da sua vontade, ou seja, do seu gozo, do seu serviço, que eu me faça seu soldado, que eu me faça seu funcionário, que eu me faça seu servidor, etc., que eu assegure assim o seu gozo.

Meu próprio gozo, e é aí que eu gostaria de chegar por esse desvio, se torna o gozo de quê? De que sou levado a gozar, se sou macho, senão do próprio instrumento? Ou seja, não somente que eu goze do instrumento, mas é o instrumento que eu quero fazer gozar, é ele que se trata de fazer gozar – forma de alienação, é o caso de se dizer, precisamente, cujos efeitos de impotência ou de obediência que dela se concluem não deixam de desencadear em profusão toda a riqueza das especulações para saber como escapar a esse tipo de fatalidade.

Essa via não me conduziu a observar isso. Com essa animação do objeto no Outro tenho aí uma representação sempre possível e imaginária, evidentemente, de um semelhante. Mas a minha sensibilidade, a sensibilidade dos meus órgãos, a sensibilidade do meu corpo, passa, se situa, a partir desse semelhante, no Outro, porque é no Outro que se exerce uma sensibilidade possível do corpo. Eu me permitiria lembrar esse fato, que *a priori* pode parecer absolutamente espantoso. O mestre antigo – eu já apontei isso diversas vezes –, aquele que foi bem-sucedido na sua posição de mestria, é o quê? Um observador. Vocês se dão conta disso! Tanto para Platão quanto para seu brilhante aluno Aristóteles, o mestre é completamente insensível. Ele observa vocês se mexerem, se agitarem, se enfrentarem, se amarem, se enganarem, se roubarem... ele olha tudo isso. Ele próprio não está sensorialmente envolvido, aliás, nem mesmo emocionalmente. Não é necessário lhes lembrar – e isso sempre me deixou maravilhado – como

em uma sociedade que ignorava o patriarcado, que tinha no estoicismo, apesar de tudo, um ideal e uma lógica tão potentes, não havia nada que intervisse como sensibilidade do corpo.

Então, enquanto macho, a perfeição no meu estatuto prescreve que eu tenha o encargo de assegurar o gozo do órgão. E, por outro lado, a prova da sensibilidade passaria por uma posição que é preciso qualificar pelo seu nome, ou seja, feminina, e que se ilustra perfeitamente pelo fato de que no Outro – que seja! – o Real é móvel, não é parado, não há corte no Outro que isole o que seria justamente um Outro do Outro, há uma mobilidade disso que esse percurso da letra deixa inacabado, e aquele que se mantém nesse lugar se beneficia das variações felizes do real que ele deve experimentar. Continuando, sempre para tentar mobilizar os conceitos com os quais nós temos muito facilmente a tendência de nos consolarmos ou adormecermos, observo que há apesar de tudo, do lado desse quadro, digamos, bastante triste, do mestre – fazer gozar o Um, o Um que é de resto ele mesmo; admitam que não é terrível, se bem que é efetivamente isso de que os mestres vêm dar o sentimento, que eles não chegam a gozar senão dessa instância –, há uma modalidade de gozo que é possível, acessível, mas que, se seguimos as balizas que nos foram dadas e acerca de que podemos saber, é surpreendente. É o gozo da fantasia.

De onde parte esse gozo? Evidentemente, de um espaço aberto no campo do Outro que não vem se superpor, que não pertence àquele ocupado no campo do Outro pela instância *ao-menos-uma*. Espaço, portanto, aberto a título privado, privatização do espaço, uma falha aberta no Outro, e de onde vai se exercer, se articular, meu desejo, dessa vez não mais a respeito do instrumento recomendado, mas do objeto, do objeto que é causa do desejo.

Eu enfatizo, nessa falha aberta no campo do Outro, o S barrado não se autoriza de nenhuma instância *ao-menos-uma*, ele só pode se autorizar de si mesmo, do seu topete, da sua audácia, e para buscar um desejo que dessa vez seria comandado por um objeto que é a sua causa. Eu chamo a atenção de vocês logo de saída, isso implica duas economias radicalmente diferentes, a do gozo fálico e aquela do gozo praticado a partir da fantasia. Por conseguinte, qual é o sexo do S barrado? Será que o S barrado implica uma sujeição identificatória, que seria então uma coação quanto às modalidades de exercício dessa fantasia? Mas, desde então, que prevalência haveria ainda de ser concedida ao instrumento, se nos encontramos diante dessa exaltação do gozo do corpo, seja o do agente ou aquele do paciente?

Nós nos encontramos, então, diante de uma disposição perfeitamente original que Lacan, é preciso dizer enfaticamente, é o único a destacar. Não creio ser excessivo na minha interpretação, ele poderia pensar que sua prevalência viria substituir esse gozo fálico – que a resolução da transferência supostamente acalmaria, se isso não é interferir no que pertence à

história – essa modalidade de gozo teria razões de engajar uma nova forma de relação, novidade entre *falasseres*. A respeito disso, ele foi recompensado... pela decepção. Uma vez que isso implica, radicalmente, o gozo exercido a partir da fantasia, uma certa negligência. No seu gozo, que eu diria uniano e narcísico, o fato de se impor como um esvazia tudo que é do registro da competição, quer seja entre camaradas, entre homem e mulher, quer se trate da competição ordinária que rege o nosso mundo, aquela do comércio e da indústria e das relações entre nações.

Há uma modalidade de gozo singular cujo caráter de universalidade deve ser revisto diferentemente, uma modalidade de gozo original e singular. Essa modalidade poderia ser considerada como desembaraçada da preocupação de qualquer sacrifício e de qualquer cerimônia sacrificial a respeito do *ao-menos-um* no Outro. Seria ele susceptível de modificar nossas relações? É isso que o tipo de sociabilidade própria aos nossos grupos não veio confirmar, uma vez que a resposta a esses desenvolvimentos foi, ao contrário, a exacerbação, algo como: “Você não vai me extraviar, me fazer crer que há uma mudança de valores que se propõe, uma mudança de valores possível; pois é preciso nos mantermos nisso que fez, desde sempre, o infortúnio das nações, dito de outro modo, a competição e a regra fálica, com, bem entendido, o desconforto radical de gozo a que ele pode nos conduzir”.

Faz-se esquecer, completamente, que ele repousa exclusivamente sobre a ideia da aquisição de um signo do órgão, de que o órgão não vale mais na sua materialidade, na sua fisiologia, na mediocridade de sua aparência, mas como signo que testemunha uma aparência, uma validação, uma consagração – e isso é tão formidável! – e se torna a meta buscada por cada um e, sobretudo, por cada uma. Nessa estranha situação, na qual cada um é atravancado por essa parte, não se está na mesma disposição de ter de suportar esse atravancamento, conforme se é macho ou fêmea. Para o macho, o fato de ser atravancado por essa parte feminina, que é a mais íntima e a mais verdadeira dele mesmo, que é o lugar da sua força e da sua verdade, essa parte feminina que está em suspenso como as mulheres o exprimem necessariamente, em suspenso por não chegar a ser o elemento unário. Há um no Outro, mas não é, ainda assim, isso que torna esses elementos unários.

Então, esse atravancamento, para os machos, dessa parte Outra, essa intimidade *êxtima* que é a sua verdade, aquela do seu desejo e que, sem dúvida alguma, explica neles a sensibilidade, a sensibilidade, eu diria, persecutória, quase paranoica, em relação a uma homossexualidade sempre possível, até mesmo talvez desejada, enquanto ela viria, enfim, resolver, viria tratar essa parte feminina deles mesmos, que eles têm de suportar e que os

atravanca, constituindo ao mesmo tempo a sua verdade. Eu não tenho certeza de que sublinhamos tão facilmente, tão à vontade, isso que é de tal maneira visível nas relações inter-humanas, essa preocupação masculina de, sobretudo, fazer com que não seja presentificada essa parte feminina que arrisca, como na própria mulher, de se apresentar como demanda e numa busca que não é, evidentemente, jamais formulada como tal.

A respeito disso, há uma questão que eu considero embaraçosa: o que é a castração para uma mulher – se ela aceita vir ocupar esse lugar Outro por um funcionamento que, segundo todas as aparências, é natural, se ela consente nisso, bem entendido –, o que é essa castração para uma mulher? Então, é o momento de parar, de dar meia-volta, vamos respirar um pouco, vocês mesmos têm, certamente, um monte de observações e objeções, de denegações, de recusas, de troços, de piadas. Então, é o momento em que vamos discutir um pouco? Como eu sou – ai de mim! – bom jogador, não vou poupar esse intervalo. O que é a castração para uma mulher? Seguramente, é que ela é privada... privada dessa castração que dá acesso ao fato de que ela é reconhecida como Um – ela é privada disso – é por isso, não é complicado, é por isso que ela se escarifica, é claro. É também por isso – isso é o mais original – que existem anoréxicas.

Quer dizer que está aberta, nesse caso, para a mulher, a questão de saber a que ela teria que renunciar, qual instrumento, qual parte do corpo ela teria de amputar para poder ser uma. Uma vez que é – estamos pra lá de ferrados! – nossa reivindicação definitiva, maior e essencial, que a meta é a de ela ser reconhecida como Um. Portanto, ela é privada disso, na ignorância do que ela teria de ceder ao Outro para poder ser uma. Com uma vocação (eu já o observei com uma fineza que não foi sempre bem apreciada...): o que a anoréxica busca é justamente a forma do um, como apagar todas as formas roliças para poder ser esguia, é verdadeiramente a tábua de passar roupa, chegar a se desembaraçar do corpo para poder gozar dessa unidade que ela teria assim, fora-sexo, bem-sucedida, e na maior abstinência sexual, a consumir.

Portanto, trata-se de uma mulher enquanto privada do processo da castração. Mas se ela não é reconhecida como uma, ela é levada a vir ocupar o campo do Outro, o lugar do Outro. E, a partir desse momento, ela é exposta a um Real que é amputado da possibilidade de lhe entregar o menor signo que seria específico da feminilidade. Nada de signo específico da feminilidade, é bem o tipo de embaraço da especulação ordinária nas crianças: qual é o signo da feminilidade?

E como eu sou sempre tradicionalista, jamais deixo de lembrar a época feliz em que as mulheres portavam uma trança. Ao mesmo tempo havia, no metrô e em outros lugares, esses especialistas que não deixavam de, armados de tesouras... de cortar as tranças, dito de outra

forma, chegar a possuir, a pôr no bolso aquilo que era o signo, suposto, evidentemente, da feminilidade. Portanto, a mulher, no lugar do Outro, não pode participar do campo da razão, da lógica, da dialética, senão por empatia – é um termo curioso –, participação no limite imposto no campo das representações. Mas, por outro lado, ela tem esse acesso privilegiado à lógica específica do Outro, que é não ter esse limite, e que permite então com deleite poder dizer tudo e o seu contrário, e com uma autoridade ainda maior pelo fato de que ela não vem de ninguém, de que ela não tem necessidade de nenhuma outra inspiração senão aquela da locutora. Ou seja, é uma modalidade em que o dito e o dizer vêm se confundir favoravelmente. E, como todos sabemos, como as mulheres também o sabem, isso não se discute.

Faço esse pequeno desvio para lhes fazer observar que, para retornar a essa bissexualidade própria a todo *falasser* e essencialmente, bem entendido, é claro, temida pelo macho, e que faz com que, no fundo, ele também fale dos dois lados: tanto o francês elevado daquele que entende ser o servidor do grande administrador presente no Outro, mas, ao mesmo tempo, quando ele está à vontade e entre parceiros iguais, a possibilidade de falar um pouco não importa o quê, não importa como, isso que chamamos também o falar relaxado, em oposição ao falar preciso ou tenso.

Assim sendo, uma vez que a distribuição que existia – porque não podemos dizer que ela subsiste ainda, a distribuição dos lugares S_1 e S_2 –, é claro que esses que hoje se manifestam ruidosamente na vida social, com as consequências que não são negligenciáveis quanto a nosso destino político, sob a rubrica do que chamamos populismo, que se autorizam disso que se justifica do lugar do Outro e permite ao mesmo tempo constituir os semelhantes, os iguais; de dizer não importa o quê, de ignorar a contradição, de ter uma relação absolutamente original ante o poder e a autoridade, e – eu já repeti isso muitas vezes – de estar à espera do ditador que viria abolir a dimensão frágil que subsiste do Real para aí instalar o comando, justificando uma soberania absoluta e autoritária. E esse exercício a partir do campo do Outro se produz a cada vez que... o quê? A cada vez que o mestre falha. Dito de outra forma, esse exercício se apresenta em nome da liberdade, enquanto a menor experiência histórica nos confirma que se trata sempre da busca de um mestre, mas de um verdadeiro, ou seja, não de um mestre representativo, ele próprio castrado, mas de um mestre absoluto.

Uma observação ainda, esta noite, sempre na minha tentativa de mobilizar, de colocar em movimento os conceitos dos quais nos servimos, de ressuscitar a inquietação que os deu à luz e que deve continuar ligada a eles. Será que nós estamos satisfeitos com a formalização que Lacan deu à histeria, ou seja, esse *coup de force* extraordinário que consiste em fazer da histeria

um dos quatro discursos que fazem laço social? Eu passo ao largo de que, ao mesmo tempo, essa disposição, ou recusa a participação da histeria na patologia, ou torna patológicos também os outros discursos que regem o laço social. Mas eu devo confessar que, quando Lacan começou a produzir os quatro discursos (ele abriu nossas cabeças e nos maravilhou), é um dos elementos que imediatamente me imobilizou. Bom, não vou dar os detalhes.

Na época, eu escrevi um livrinho, *Novos Estudos sobre a Histeria*, em que eu trato a histeria da forma mais tradicional, pré-lacanian, freudiana, a partir da interrogação seguinte, para a qual vocês mesmos eventualmente contribuiriam, eu lhes submeto ainda esta noite: o que faz a histeria e que a escritura S barrado simboliza muito bem, dito de outra forma, essa falha aberta no campo do Outro e de onde vai se exercer uma demanda, uma demanda insaciável... é uma demanda de quê? Será que isso que faz a histeria é justamente não ter o objeto? Ou seja, por não ser construída por uma fantasia – construída por uma fantasia, quer dizer, construída por esse objeto *a* que é um dos elementos do discurso –, essa demanda exasperante se encontraria modificada em um desejo.

A demanda histórica específica, ao que parece, é precisamente que a emissora seja reconhecida pela sua qualidade de ser uma, uma assim como o *ao-menos-um* que faz a lei. É claro – à parte os acordos benevolentes da família, que não são raros, que não são excepcionais e podem consolar essa demanda sem jamais satisfazê-la, sabemos muito bem que não se trata senão de um reconhecimento circunstancial, e ela acusará a fraqueza daqueles que dessa forma viriam lhe conceder – que essa demanda restará sempre uma ferida aberta por não encontrar um pai suficientemente potente ou a autoridade suficientemente potente para fazê-la uma no Outro, até mesmo, por que não, a Uma da exceção.

Ela não ficaria embaraçada em fazer a lei para todo mundo. Por que eu lhes digo isso? Duas coisas, e eu paro por aí. Primeiramente, nós não avaliamos, e eu fico muito surpreso, que aqueles que entraram em contato com o ensino de Lacan possam ter tal vivacidade, tão boa consciência para fazê-los esquecer deste, para fazê-los se afastarem, para querer passar a outra coisa. Então, não é porque somos antes modestos que podemos deixar de reconhecer que a conceitualização de Lacan é extraordinária e sem precedentes. É justamente isso que é incômodo, nós não estamos habituados a ter de nos haver com ensinamentos tão operativos e sem precedentes.

Quando isso se produz, adoramos vê-lo na história das ciências, botamos o cara na fogueira, ou queimamos os livros, ou o degolamos e sua família, ou o fazemos cair no esquecimento durante duzentos anos... e o redescobrimos. Fiquem certos de que Lacan jamais

será redescoberto depois da geração que ainda é capaz de lê-lo. Os jovens que chegam – e se eles são fabricados da forma que eu tento precisar – não terão nenhuma familiaridade, isso “não vai rolar”, como nos exprimimos em nosso dialeto, não vai rolar pra eles, de forma alguma, esse negócio. Porque ele é sem precedentes, ele é excepcional. E, nesses momentos bem confusos em que nós vivemos, em que vemos efetivamente desaparecer o campo do Outro enquanto intimidade êxtima para que venha a ser substituída integralmente pela extimidade da opinião... em suma, eu não vou desenvolver.

São os meios de leitura destinados, não somente a nos satisfazer em nossa escola, mas, é claro, a responder acerca do que nós tentamos dizer, como devemos fazer, e como responder aos nossos pacientes. Vocês podem verificar – eu o fiz em 2004 em *O homem sem gravidade* – que eles mudam, que eles mudaram, não são mais os mesmos. Eu via hoje um jovem que me contava que, durante um período, ele teve um tique, que consistia em levantar o alto da sua *t-shirt* para cobrir a garganta [*gorge*]², e ele se perguntava por que, o que poderia ser esse tique. Ora, como eu sabia um pouco do que tinha sido a liberdade de costumes própria à sua família e ao seu entorno, muito bobamente e facilmente lhe perguntei:

– Você sabe o que é um busto [*gorge*]?

– Uma garganta [*gorge*] de mulher? Ah, sim! O pescoço [*gorge*] da mãe com os colares?

– Sim, é claro, mas não é o colar que basta para falar de um busto [*gorge*]. Você sabe o que é um busto [*gorge*] de mulher?

– Não, eu não vejo...

Ele não vê, evidentemente, uma vez que se tratava de cobri-lo. Mas, para dizê-lo simplesmente, existe, apesar de tudo, um vocabulário imediato e fácil, sem pensar, com “*soutien-gorge*”, etc. Trata-se de um tipo de escotoma original, evidentemente oposto à liberdade de apresentação e de conduta no interior da sua própria família. Eu lhes trago isso para dizer que estamos na contemporaneidade.

Como eu dizia, o caráter virulento do ensino de Lacan é verdadeiramente um dos elementos da sua dificuldade, uma vez que ele não deixa nada quieto em cada um de nós. Mas será que a gente gosta de ser perturbado? Vocês gostam de ser perturbados? Há uma coisa, e eu vou, vejam só, como prometido, parar por aí, há uma coisa bizarra na identidade. Eu lhes falei há pouco da identidade projetiva, da maneira como imaginamos um semelhante que nos parece um irmão. Mas há uma forma de identidade que é apesar de tudo extraordinária, é que, quando

² A troca de perguntas e respostas entre Melman e seu analisante, que vem a seguir, joga com o duplo sentido do termo *gorge*: ao mesmo tempo *garganta* e *busto*, *seio*, este último sentido presente no termo *soutien-gorge*. (N. do T.)

vocês se levantam de manhã, vocês continuam sendo os mesmos que foram se deitar à noite. Há uma permanência disso que os filósofos chamam o ser (não o ente que, é claro, varia conforme as circunstâncias). Há uma permanência do ser, uma permanência quase aristotélica, que mereceria ser surpreendente. E eu não aceito que venham perturbá-la. É isso que existe de mais insuportável, isso seria a despersonalização.

Será que o ensino de Lacan se choca contra esse medo, essa angústia de despersonalização? Eu imagino, porque já me aconteceu de irritá-lo; eu imagino que, se ele escutasse isso, ia fazer um beijo, isso não lhe agradaria. Por que, eu não sei. Mas isso retoma para cada um de nós a questão do que, na sua identidade, é o tipo de permanência dolorosa à qual se está atado e que constitui, como diria o outro, a permanência do seu *desser* [*désêtre*], as modalidades do *desser* ao qual se está atado, e que não se trata de perturbar. Se perturbarmos isso, é uma provocação à loucura, clinicamente!

Eis aí o que temos por hoje. Não sei como vocês vão receber isso que lhes contei esta noite. Em todo caso, isso parte do que eu considero minha atividade de *agit-prop* – não de sacudido para limpar – de *agit-prop*!³

Havia outrora uma recomendação de fazer uma análise⁴ a cada cinco anos. Por que cinco? Porque, com a participação incontornável do discurso social, das trocas sociais, é inevitável que reencontremos, reendossemos o bom e velho discurso do mestre, a economia introduzida pelo discurso do mestre e que tem a vantagem de nos unir nos separando, nos separar nos unindo, nos deixar loucos a nosso bel-prazer, estúpidos à vontade... atados aos signos, a um signo, signo de pertença. Portanto, deveríamos periodicamente voltar a isso para constatar que tudo isso era factício, que era a facticidade, as construções para acalmar nossa angústia – e que haveria um meio de se livrar disso sem forçosamente pagar com a angústia.

Eis aí a tarefa que eu me dei, eu seria o último dos *agit-prop* lacanianos (peço que escrevam isso na minha lápide) ... a menos que eu suscite vocações. Espero não haver aterrorizado demais vocês, será que alguém tem alguma questão?

Bernard Vandermerch – Eu não compreendi muito bem por que você distingue o gozo fálico do gozo da fantasia. Eu não vejo como a fantasia pode funcionar sem a sanção fálica e que o objeto *a* não venha na castração. Se ele fica colado no Outro, ele não pode ser causa de um desejo, é aí que eu não compreendo.

³ O autor joga com a homofonia entre *agit-prop*, “agitação e propaganda”, termo do vocabulário dos movimentos políticos, em geral de esquerda, e *agite propre*, “sacudido para limpar”, como se faz com os tapetes. (N. do T.)

⁴ No original: *une tranche*, literalmente, um pedaço (de análise). Expressão em francês que designa um período curto de análise após ter feito uma análise de longa duração. (N. do T.)

Charles Melman – Caro Bernard, eu aprecio sempre suas observações pertinentes e agudas. Então, obrigado mais uma vez por elas. Na estrutura da fantasia, você vê muito claramente que o falo não é mais o agente necessário à: economia da fantasia, mas ao gozo do objeto. Portanto, com a fantasia, essa oposição entre gozo instrumental e gozo do corpo se encontra suspensa. Quando você observa o nó de três aros, você vê muito bem de que maneira não fica mais situado senão gozo fálico e gozo do objeto – e aí sem necessariamente especificar a diferença dos sexos. São as duas modalidades de constituição do Real, seja o Real situado como do lado mestre pela castração, seja do lado do Outro pelo objeto *a*, o objeto que falta. E, desde então, com a fantasia, uma modalidade de gozo que é radicalmente estrangeira ao gozo fálico.

O que não quer dizer que, no mesmo movimento, a fantasia coloque o falo fora de cena, de modo algum, mas, em todo caso, ela não faz mais dele o instrumento que vem de início, que existe primordial e simultaneamente para fazer gozar. Eu passo para você e ficaria encantado que suas observações, suas objeções sobre esse tema se desenvolvam, e que você as comunique. Isso me interessa. E se, de minha parte, eu animei suas reflexões sobre esse tema, não lamento minha formulação.

Bernard Vandermerch – De qualquer forma, é interessante sair de um esquema já pronto.

Charles Melman – Sim! E do mesmo modo eu digo, eu acho que há algo da parte de Lacan, falando sobre o discurso histérico, que em todo caso separa o discurso histérico da histeria clínica com a qual somos confrontados. É uma coisa completamente diferente, não faz sentido. A histérica, evidentemente, nos quatro discursos, se endereça ao S_1 , ao mestre, mas a economia implica, contudo, o objeto *a*. Eu lancei essa questão esta noite. Será que uma mulher... eu escuto, nós escutamos facilmente falar da fantasia feminina. Mas será que uma mulher tem uma fantasia como um homem? Eu gostaria muito de escutá-las a respeito disso e que me explicassem o que elas especificam acerca disso.

Por que digo isso? Porque a fantasia é construída sobre a ignorância do objeto desejado. O objeto desejado é construído porque, efetivamente, ele falta – o que faz o objeto da fantasia é que ele não está lá, não existe nenhum – mas no que é o desejo feminino, o objeto é infalivelmente especificado. Ele é absolutamente... ele é realmente encarnado, esse objeto, ele não tem mistério.

Vamos lá, vamos terminar com uma anedota para aliviar a noite, se isso é possível. Houve em Paris a estreia de um filme que se chamava *O Império dos Sentidos*, e que havia sido proibido. O produtor japonês, para aliviar essa interdição, havia organizado uma sessão privada,

eu me lembro de que foi no estúdio do L'Étoile, onde Lacan teve direito a um certo número de ingressos, para ele e alguns convidados seus. Vocês com certeza assistiram a esse filme, que conta uma história verdadeira de um casal muito ligado um ao outro – é o mínimo que podemos dizer – e dessa mulher satisfeita e feliz com seu companheiro. E isso termina, é uma história autêntica, com ela cortando seu instrumento. E ela é encontrada errante nas ruas, eu acho que de Tóquio, levando no bolso da sua capa esse instrumento enrolado num jornal.

Eu lhes asseguro que esse filme... eu não sei como poderíamos encontrar um caráter erótico nesse filme, que era, antes de tudo (se eu digo isso, vão me vaiar, mas estou acostumado) um filme clínico. Que não poderia senão nos levar a refletir sobre o que é o gozo fálico para um e outro sexo. E então, quando falamos da fantasia feminina, é preciso esclarecer um pouco. Do que se trata? Será que existe verdadeiramente esse objeto que uma mulher não saberia que deseja, qual é o objeto que ela deseja? Será que podemos dizer tal coisa? Como somos “normais”, vamos falar de fantasias femininas e em seguida... não custa nada! Bom, é isso, eu espero não ter chateado muito vocês! Boa noite!

Transcrição: Denise Sainte Fare Garnot

Tradução: Marcus do Rio Teixeira

Revisão de texto: Solange Mendes da Fonsêca